



TRAJETÓRIAS INTELECTUAIS NEGRAS: AS ROTAS DE BEATRIZ NASCIMENTO

Alex Ratts*

Mestre em Geografia e Doutor em Antropologia USP

Beatriz Nascimento (1942-1995) é uma das âncoras em minha travessia pelo Atlântico Negro (GILROY, 2001), o vasto e denso complexo cultural e político qualificado e marcado pela presença de africanos, afro-europeus e afro-americanos. Outras mulheres e outros homens negros vivenciaram contextos semelhantes, sendo pouco ou não reconhecidas(os) pelos segmentos intelectuais social e racialmente hegemônicos, a exemplo de Lélia Gonzalez (VIANA, 2006), Eduardo Oliveira e Oliveira e Hamilton Cardoso.

A pesquisa acerca da trajetória intelectual de Beatriz Nascimento, especialmente de sua obra escrita, publicada e inédita, narrada em audiovisuais, se deu em um pri-

meiro momento no Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo, posteriormente no Arquivo Nacional no Rio de Janeiro, para onde a família destinou a maior parte de seu acervo pessoal de textos, poemas, fotografias e livros. Por fim, tive acesso a acervos particulares da família e de outros intelectuais ativistas¹.

No artigo A ilusão biográfica, Pierre Bourdieu trata a noção de trajetória como deslocamento entre espaços sociais, entre posições, mais que trajetetos entre dois pontos geometricamente distintos (BOURDIEU, 1996). É nesse sentido que me remeto à “transmigração” de Beatriz Nascimento, primeiramente de Aracaju, Sergipe, para a cida-

* Graduação e pós-graduação – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás; coordenador geral do Núcleo de Estudos Africanos e Afro-Descendentes (NEAAD/UFG).

de do Rio de Janeiro, no estado homônimo, no final do ano de 1949. A família, composta pela mãe, dona-de-casa, pelo pai pedreiro e por dez filhos, dentre os quais Beatriz com 7 anos de idade, viaja para o Rio. Esta mobilidade territorial familiar se insere no contexto da migração dos nordestinos para o sudeste, constituinte dessas áreas – Nordeste e Sudeste – como regiões-identidade em confronto. A família passa a residir em Cordovil, Zona Norte do Rio, área suburbana: *“nós viemos de Sergipe com uma intenção de meus pais de que nós crescêssemos. Vir para a cidade grande. É a grande dinâmica da migração”* (NASCIMENTO, 1989).

Esse “crescer” se destaca em sua escolaridade e na de suas irmãs. Na cidade do Rio de Janeiro, Beatriz Nascimento se desloca da Zona Norte para a Zona Sul, onde reside até sua morte. Em 1968, aos 24 anos, ela ingressa no curso de História na Universidade Federal do Rio de Janeiro, perfazendo um percurso semelhante ao dos estudantes negros(as) oriundos das classes populares, que atravessam as barreiras de raça, gênero, classe e procedência. Conclui a graduação em 1971. No mesmo período, faz estágio em técnica de pesquisa no Arquivo Nacional, com orientação do historiador José Honório Rodrigues. Posteriormente, torna-se professora de História da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro. Em 1974, em plena ditadura militar, participa de reuniões em que ativistas negros(as), muitos dos quais com formação acadêmica, decidem criar grupos de estudo e intervenção. É o caso do Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR) fundado na Universidade Federal Fluminense, no qual ela se destaca como protagonista.

É nesse período que ela começa a publicar enfatizando a necessidade da formação de pesquisadores negros, especialmente no campo da História e dos estudos das relações raciais e do racismo (NASCIMENTO, 1974a, 1974b). Nos levantamentos de sua produção, encontrei registros de comunicações em eventos acadêmicos (1976b, 1977c), entrevistas na grande mídia impressa (1976b, 1977a) e ensaios. Beatriz Nascimento fez um

curso de especialização em História na Universidade Federal Fluminense, concluído em 1981. Viajou duas vezes ao continente africano, para Angola e para o Senegal, o que lhe proporcionou tanto a confirmação quanto a ampliação e revisão de algumas de suas idéias acerca da trajetória da população negra entre África, Europa e América.

Sua obra mais conhecida está nos textos e na narração do filme *Ori*, dirigido por Raquel Gerber, com circulação nacional e premiação internacional. Beatriz Nascimento estava cursando mestrado na Escola de Comunicação da UFRJ, com orientação de Muniz Sodré, quando foi assassinada em janeiro de 1995 após discussões com o marido violento de uma amiga que ela então defendia. Posso dizer que o Brasil perdeu uma intelectual ativista de grande estatura. Cabe agora retornar ao seu pensamento.

Percursos do pensamento

Enquanto historiadora, pesquisadora e intelectual, Beatriz Nascimento, ao longo de sua produção comunicada em textos escritos e falados, abordou temas e noções que concernem à questão racial. Optei por focalizar reflexões que são fundamentais para a contemporaneidade: racismo, quilombo e corporeidade negra. O(a) leitor(a) pode observar como essas noções se relacionam.

Racismo

Os textos publicizados de Beatriz Nascimento entre os anos de 1974 e 1990 nos permitem delinear suas idéias acerca do racismo, especialmente sobre as formas praticadas na sociedade brasileira contra a população negra. De início, o que ela denomina de “um emaranhado de sutilezas” (NASCIMENTO, 1977a) é uma trama de fios finos e complexos, mas astuciosos. Quer dizer, tratado como velado ou mesmo inexistente, o racismo no Brasil se mostra como uma sofisticada rede de pensamentos e ações, que varia de acordo com determinados contextos. Multifacetado em sua existência, é um fenômeno que merece análises e possibilidades de reação multidimensionais.

Em 1974, no artigo *Por uma história do homem negro*, tendo como tema principal a flagrante despreocupação da academia brasileira com os temas vinculados à história da população negra, no máximo, reduzidos aos genéricos estudos da escravidão, Beatriz parte de uma forte motivação que excede preocupações de uma pesquisadora restrita aos muros universitários. A eleição do tema de estudo vem da vida experimentada em condições raciais desiguais (NASCIMENTO, 1974a: 42).

Atenta à diferenciação das situações racistas e à dubiedade de suas interpretações, Beatriz se mostra como pensadora de um fenômeno que se multiplica como se, aparentemente, não tivesse fim. Um dos dilemas que ela focaliza se situa no entendimento de que um ato, uma situação, é predominantemente racista. Na sociedade brasileira, em geral, mas especificamente no segmento negro, há pessoas que se recusam ou demoram a reconhecer a emergência do racismo (Idem: 42). Em artigo que dá seqüência ao mencionado, uma das proposições de Nascimento diz respeito ao estudo "do negro" face à identidade nacional em que a suposta democracia racial emerge como idéia central (1974b: 65).

A exemplo de outros(as) pensadores(as) negros(as), Beatriz destrincha os mecanismos racistas na vida diária, com destaque para as relações interpessoais e para o âmbito profissional e, em especial, o acadêmico. No entanto, a ela interessava a pessoa negra vista como uma totalidade, passado e presente, mente e corpo. Retornando à sua experiência pessoal, ela desvenda um dos mecanismos comuns de reação da pessoa negra ao racismo que também se prolonga para além da infância: a busca por ser a melhor, a primeira, combinada com uma certa dose, parcialmente auto-imposta, de invisibilidade (NASCIMENTO, 1982).

Como pode o preconceito contra a população negra ser, ao mesmo tempo, violento e sutil, latente e manifesto? Como é possível que na sociedade brasileira, entre negros e negras e entre negros(as) e brancos(as) exista tanto amor quanto

ódio? Os aparentes paradoxos devem ser desvendados.

Beatriz Nascimento radicaliza a investigação dos efeitos do racismo sobre a pessoa negra. Esta ida à raiz de um fenômeno tão intrincado levou-a a por em questão o ser negro como uma identidade atribuída pelo Outro, o ser oposto, o branco (1974b). Neste ponto, cabe uma reflexão sobre a idéia de ser negro que, em seus textos, não pode ser vista como estanque. A autora abordou a noção de negro em face de um racismo múltiplo. Portanto, não caberia em seu pensamento uma concepção essencialista de negritude. À semelhança de Neusa Santos Souza, para quem *"ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro"* (Souza, 1982: 77), suas preocupações voltaram-se igualmente para esse processo, em que um segmento étnico-social tem problemas para ser e tornar-se ele mesmo e, também pela falta ou afastamento de referências negras positivas, deseja ser ou tornar-se o Outro.

Quilombo

Entre 1976 e 1994, Beatriz Nascimento abordou essa temática, destacando-se entre os(as) pesquisadores(as) desse campo, por seu tempo e profundidade de dedicação, abrindo vários aspectos (toponímia, memória, relação entre África e Brasil, territorialidade e espaço) e exercitando a confecção de diversos "produtos" de seu trabalho (entrevistas, artigos, poemas, filme).

Em seu principal projeto de pesquisa (1978), Beatriz Nascimento reitera as críticas à historiografia de pouco ou nenhum interesse sobre o tema, considerado fenômeno do passado, e às interpretações reducionistas de um fenômeno tão vasto e variado no tempo e no espaço. O projeto se baseava em cinco hipóteses, que, por falta de financiamento e devido à largueza dos objetivos, foram reduzidas a três:

1. O que ficou conhecido na historiografia como quilombos são movimentos sociais arcaicos de reação ao sistema escravista, cuja particularidade foi a

de iniciar sistemas sociais variados, em bases comunitárias.

2. A variedade dos sistemas sociais englobados no conceito único de quilombo se deu em função das diferenças institucionais entre esses sistemas.
3. O maior ou menor êxito na organização dos sistemas sociais conhecidos como quilombos deu-se em função do fortalecimento do sistema social dominante e sua evolução através do tempo (NASCIMENTO, 1981)².

Sua crítica à historiografia dos quilombos brasileiros partia do reduzido número de títulos dedicados ao tema, que eram, em geral muito descritivos, e que generalizavam o termo “quilombo” a partir de situações como a de Palmares. Incluindo nessa crítica Edison Carneiro e sua edição de 1966 de *O Quilombo dos Palmares*, Beatriz Nascimento refere-se a Clóvis Moura para enunciar a existência do fenômeno do *aquilombamento durante a escravidão e em quase todas as regiões* brasileiras, “*mesmo naquelas onde o regime escravista não possui maior significação*”, e indaga: “*como explicar historicamente um processo sem atentar para sua dinâmica e diferenciação no tempo?*” (NASCIMENTO, 1978) Ela amplia o tema acrescentando e destacando a relação entre o quilombo africano e o brasileiro, no século XVIII (1985), idéia presente em *Ori*, fomentada após a viagem a Angola.

O discurso de Beatriz Nascimento sobre o tema é notoriamente denso e variado. Na sua pesquisa há uma busca que é científica, além de pessoal e coletiva como pertencente ao grupo étnico que estudava (NASCIMENTO, 1982a: 259-260). Nesses artigos de apresentação preliminar da pesquisa e um póstumo (1997), percebo uma série de cuidados que se vêem escritos e ditos nos seus textos.

Para Beatriz Nascimento, o quilombo, especialmente Palmares, podia ser considerado como um projeto de nação, protagonizado por negros, com a inclusão de outros segmentos racial e socialmente subalternos. Quando assume a vertente ideológica do ter-

mo, ela o estende até o simbolismo de um território de liberdade, não apenas referente a uma fuga, mas uma busca de um tempo/espaço de paz (NASCIMENTO, 1989).

Alguns intelectuais brasileiros têm resistência a essa noção “ideologizada” de quilombo. Como na idéia de “negro”, em sua obra, há um “ser” que é muito mais um “tornar-se”, um “vir a ser”, sempre passível de crítica. Não há aqui nenhuma reificação³.

Corporeidade

O filme *Ori* documenta os movimentos negros brasileiros entre 1977 e 1988, passando pela relação entre Brasil e África, tendo o quilombo como idéia central e apresentando, dentre seus fios condutores, parte da história pessoal de Beatriz Nascimento. O título do filme provém de uma palavra yorubá, língua utilizada na religião dos orixás, que significa cabeça ou centro e que é um ponto chave de ligação do ser humano com o mundo espiritual (NASCIMENTO, 1989).

As mulheres e os homens africanos experimentaram uma travessia de separação da terra de origem, a África. Nas Américas, passaram por outros deslocamentos, como a fuga para os quilombos e a migração do campo para a cidade ou para os grandes centros urbanos. Para Beatriz Nascimento, o principal documento dessas travessias, forçadas ou não, é o corpo. Não somente o corpo como aparência – cor da pele, textura do cabelo, feições do rosto – pelas quais pessoas são identificadas e discriminadas.

O corpo é também pontuado de significados. É o corpo que ocupa os espaços e deles se apropria. Um lugar ou uma manifestação de maioria negra é “um lugar de negros” ou “uma festa de negros”. Não constituem apenas encontros corporais. Trata-se de reencontros de uma imagem com outras imagens no espelho: com negros, com brancos, com pessoas de outras cores e compleições físicas e com outras histórias.

O corpo é igualmente memória. Da dor – que as imagens da escravidão não nos deixam esquecer, mas também dos fragmentos de ale-

gria – do olhar cuidadoso para a pele escura, no toque suave no cabelo enrolado ou crespo, no movimento corporal que muitos antepassados fizeram no trabalho, na arte, na vida.

A cabeça sintetiza tudo isso. Rosto e cabelo são marcas da raça social e política que nos diferencia. Cabeça – intelecto, memória, pensamento. Cada um tem o direito de fazer essa viagem de volta. Olhar-se no espelho da raça e reconstruir sua identidade e seu corpo, pensando na sua trajetória e nas rotas do povo ao qual se sente vinculado.

Para Beatriz Nascimento, o corpo negro se constitui e se redefine na experiência da diáspora e na transmigração (por exemplo, da senzala para o quilombo, do campo para a cidade, do Nordeste para o Sudeste). Seus textos, sobretudo em *Ori*, apontam uma significativa preocupação com essa (re)definição corpórea. Neste tema, encontramos discorrendo acerca da sua própria imagem, da “perda da imagem” que atingia os(as) escravizados(as) e da busca dessa (ou de outra) imagem perdida na diáspora (NASCIMENTO, 1989). A autora se refere à perda das imagens africanas, de África, das várias Áfricas, que afeta o reconhecimento da pessoa negra.

Em *Ori*, a câmera subjetiva nos coloca no lugar daquele(a) que foge mata adentro, nos deixando pressupor uma pessoa “só com a roupa do corpo”, com pouca ou nenhuma bagagem material, alguém que corre e talvez se arranha e se machuca na fuga. Por conta das imagens que se sedimentam ao longo do que convencionamos chamar de História, o corpo negro é, em parte, o corpo raptado em África, jogado em porões de navios negreiros, acorrentado em senzalas, obrigado a trabalhos forçados; o corpo vestido de algodão cru ou de rendas, mas descalço porque escravizado, que se movia das cozinhas para as ruas.

Certamente, para o período escravista, a pesquisa iconográfica e relativa a representações sociais pode nos apontar outras imagens. O que nos interessa no pensamento de Beatriz Nascimento é a interrelação entre corpo, espaço e identidade que pode ser re-feita por aquele(a) que busca tornar-se pessoa

(e não coisa) no quilombo, na casa de culto afro-brasileiro, num espaço de encontro e/ou diversão, no movimento negro, diante do espelho ou de uma fotografia.

Desta forma, o corpo negro pode ser, também em parte, aquele que foge, mas que conquista temporadas de tranqüilidade, aquele que se recolhe no terreiro e sai da camarinha refazendo, em movimento, narrativas de divindades africanas. Pode ser o jovem que dança sozinho ou em grupo ao som do *funk*, pode ser a mulher ou o homem que delinea suas tranças ou seu penteado *black*. Pode ser igualmente aquele que se “fantasia” de africano num desfile de escola de samba.

O corpo negro pode se estender até se confundir com a paisagem e com toda a Terra, numa geopoética africana ou afro-brasileira, pois Nanã é o orixá que representa a própria terra. O corpo negro pode ser (re)definido no olhar de Beatriz Nascimento para suas várias imagens: diante de sua foto de primeira comunhão em que ela não se reconhece mais e afirma seu afastamento do pensamento cristão; diante do retrato de sua irmã Carmem na pose de formatura como normalista, o que indica um sonho de trajetória intelectual; na visão de uma diva como Marilyn Monroe, um ideal de beleza ocidentalizado disseminado pelo mundo.

Ao “ler” os seus textos escritos ou falados e sobretudo ao ver as suas poucas imagens em movimento, me arrisco a afirmar que ela demonstrava profundo senso de sua figura. Imagino que ela não agia como se estivesse encenando ao fazer uma conferência ou uma declaração para um documentário⁴, mas como se construísse essa imagem com a consciência de quem se vê e de quem é vista. Mais ainda, deduzo que Beatriz o fazia como quem sabe a importância da definição visual, além da aparência, para as pessoas negras no mundo contemporâneo, em especial nas sociedades que foram escravistas e onde opera um preconceito de marca como a brasileira.

O corpo negro a que Beatriz se refere pode ser, então, aquele que porta carências radicais de liberdade, que procura e constrói lugares de referência transitórios ou dura-

douros. Lugares transitórios como os desfiles das escolas de samba e os bailes *black* (NASCIMENTO, 1989). O corpo negro se move por essa cartografia cultural, consciente ou inconscientemente, em transe ou em trânsito, embalado em trilhas sonoras do Atlântico Negro, acústicas e/ou mecânicas: afoxé, congada, samba, *blues*, *jazz*, *reggae*, *funk* etc..

Seguindo viagem: transmigração e transatlanticidade

Nos textos narrados em *Ori*, Beatriz Nascimento trabalha com a noção de transmigração que pode ser conceituada como os deslocamentos sócio-espaciais, ou seja, entre diversos espaços sociais, da população negra em variadas escalas – local, regional, nacional e transnacional. Esse aspecto amplia em efeito de *zoom* a abordagem da questão racial, que para muitos é algo restrito, de âmbito local.

Neste sentido, com a noção correlata de trasatlanticidade, presente, mas não explicitada em *Ori*, mas contida em textos inéditos, Beatriz antecipa formulações que somente no final dos anos de 1990 e na década atual ganham foco, a exemplo da idéia referida de Atlântico Negro, contexto no qual ela própria figura como pessoa, persona, personalidade, como uma individualidade forte (SANTOS, 2002), uma intelectual insurgente (HOOKS & WEST, 1991), presença que tem seu lugar como referência de um pensamento inquiridor e confrontador (SAID, 2005).

Beatriz Nascimento, em sua trajetória, provoca um deslocamento da imagem da mulher negra inferior-serviçal-objeto (NASCIMENTO, 1974a; 1990) para a de mulher negra falante-pensante-intelectual-poeta-ativista. A profundidade de sua imagem é correlata à espessura de seus textos. ■

Bibliografia

- BOURDIEU, PIERRE (1996) A ILUSÃO BIOGRÁFICA IN: FERREIRA, MARIETA DE MORAES E AMADO, JANAÍNA (ORG.) USOS & ABUSOS DA HISTÓRIA ORAL. RIO DE JANEIRO, EDITORA DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, PP. 183-191 [1986].
- GILROY, PAUL (2001) O ATLÂNTICO NEGRO: MODERNIDADE E DUPLA CONSCIÊNCIA. SÃO PAULO; RIO DE JANEIRO, ED. 34; UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES – CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS.
- HOOKS, BELL & WEST, CORNELL (1991) BREAKING BREAD: INSURGENT BLACK INTELLECTUAL LIFE. TORONTO, BETWEEN THE LINES.
- NASCIMENTO, BEATRIZ (1997) O MOVIMENTO DE ANTÔNIO CONSELHEIRO E O ABOLICIONISMO. RIO DE JANEIRO, REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL Nº 25, PP. 261-267.
- _____ (1990) A MULHER NEGRA E O AMOR. RIO DE JANEIRO, MAIORIA FALANTE, Nº. 17, FEVEREIRO – MARÇO, P. 3.
- _____ (1989) TEXTOS E NARRAÇÃO PARA O FILME ORI. TRANSCRIÇÃO (MIMEO).
- _____ (1985) O CONCEITO DE QUILOMBO E A RESISTÊNCIA CULTURAL NEGRA. AFRODIÁSPORA NOS. 6-7, PP. 41-49.
- _____ (1982A) KILOMBO E MEMÓRIA COMUNITÁRIA – UM ESTUDO DE CASO. RIO DE JANEIRO, ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS 6-7, PP. 259-265.
- _____ (1982B) MARIA BEATRIZ NASCIMENTO – PESQUISADORA, 29 ANOS. IN: COSTA, HAROLD. FALA, CRIOLLO. RIO DE JANEIRO, RECORD, P. 194-198.
- _____ (1981) SISTEMAS SOCIAIS ALTERNATIVOS ORGANIZADOS PELOS NEGROS: DOS QUILOMBOS ÀS FAVELAS. RELATÓRIO NARRATIVO FINAL (MIMEO). ARQUIVO NACIONAL. FUNDO MARIA BEATRIZ NASCIMENTO. CÓDIGO 2D. CX. 14. ENV. 03..
- _____ (1979) O QUILOMBO DO JABAQUARA. REVISTA DE CULTURA Vozes 3, PP. 176-178.
- _____ (1977A) NOSSA DEMOCRACIA RACIAL. REVISTA ISTOÉ. 23/11/1977, PP. 48-49. ARQUIVO NACIONAL. FUNDO MARIA BEATRIZ NASCIMENTO. CÓDIGO 2D. CX. 22.